



Lúcio Costa (direita) revê com Cattete Pinheiro a cidade que tão carinhosamente criou

Ele a concebeu, moldou-lhe as formas deu-lhe vida e a entregou a um povo que ainda não existia. Ainda criança todos aqueles que a tomaram como tutores, acarinharam-na, tal como seu pai, por testamento, pedia. Depois ela foi crescendo, assim como a família que se formou em seu seio. Hoje ela tem quatorze anos e muitos querem modificar-lhe o destino, fazê-la assim, acrescentar-lhe aquilo, dar-lhe uma roupagem em que ela não se sente bem. "Ela deve ser serena, bela e única. Deixem Brasília crescer como foi concebida", pede o pai, esquecido, ao assinar, respeitosamente, uma carta ao Senador Cattete Pinheiro. Seu nome, Lúcio Costa.

O grande mestre urbanista é hoje um homem amargo ao se referir à ambição daqueles — que a partir de diversas correntes distintas — criticam Brasília,

acusam-na de ser baseada em moldes arquitetônicos ultrapassados e pretendem então, em defesa de seus próprios interesses, sem grandes explicações, modificar-lhe as formas. Lúcio Costa não critica a esses "inovadores", apenas lhes apresenta razões para que deixem a cidade estar terminada, tal como foi concebida, para que lhe possam ser assimilados os objetivos e para que ela possa ser completada.

'Reformular', termo hoje tão usado por "aqueles que querem fazer de Brasília o que ela não é", não é o que a cidade necessita no momento. Ela precisa sim, se expandir, se desenvolver, sempre com base em sua própria essência. Lúcio Costa assinala que de imediato — e essa tarefa deve ser atribuída à administração de Brasília — é necessária a continuidade do projeto por ele elaborado,

ainda que se tenha que passar por cima das deficiências iniciais e as deformações já ocorridas.

Nesse processo de continuidade de do Plano-Piloto, o grande urbanista sugere a introdução, a curto e médio prazos, de novos planos, do projeto original da cidade. Entre eles, a implantação de um transporte rápido — possivelmente monotrilho —, o acesso de toda a população à orla do lago — já que, segundo destaca, decepcionou-o a constatação de que tal paisagem tem sido privilégio de uma minoria —; a criação de um clube campestre popular; a introdução de modificações no Setor Comercial Sul, de forma que esse centro venha atender a seus objetivos, de concentrar, além dos escritórios comerciais, restaurantes, livrarias, butiques, cafés, etc, no pavimento térreo, de frente à plataforma rodoviária.

Da mesma forma "sugere" a recuperação do Setor de Diversões, de modo a se alternar áreas descontraídas e populares com áreas mais sofisticadas: "todos devem ser atendidos"; o incremento do "coração da cidade", nas imediações da Estação Rodoviária com a criação de duas praças, intensificação de anúncios luminosos, melhor arborização dos estacionamento, já que essa área é o traço urbano da união da população.

Além disso afirma que é urgente a concentração das atividades industriais além das áreas urbanas das cidades-satélites, e a integração das mesmas ao projeto inovador do Plano-Piloto; a expansão urbana nas terras entre o lago e a barragem de São Bartolomeu; e acima de tudo a conclusão da cidade que "nunca será velha".

O criador está pedindo: "Deixem Brasília crescer tal como foi concebida"

Integra da carta de Lúcio Costa ao Senador Cattete Pinheiro

"Prezado Senador Cattete Pinheiro: Ao renovar-lhe, e à Comissão que preside, os meus agradecimentos, desejo precisar alguns pontos que reputo fundamentais e gostaria que fossem consignados, juntamente com os textos de duas cartas que há tempos me permiti dirigir-lhe, no relatório final desse oportuno seminário.

Preliminarmente, conforme assinalai, não se trata, no meu entender, de "reformular" o plano original de Brasília, e sim, antes de mais nada, de assimilar-lhe as intenções e de constatar o que ainda está faltando a fim de completá-lo.

Nesse processo de aferição e confronto das proposições contidas no Plano-Piloto com o estágio atual da cidade, importa verificar as deficiências iniciais e as deformações ocorridas, procedendo-se desde logo às correções necessárias e só depois disto feito, é que caberia, então, partir para novas formulações objetivando uma expansão articulada e coerente que não lhe deturpe a feição peculiar, e que impeça a sua fusão com os núcleos satélites cuja implantação antecipada deveu-se a circunstâncias por demais conhecidas decorrentes da própria realidade do país, ainda na fase de desenvolvimento não integrado.

Nesse sentido é urgente estabelecer como preceito, digamos, "constitucional", o não prolongamento suburbano ao longo das vias que conduzem a esses núcleos periféricos, propiciando-se por todos os modos a instalação ali de atividades agrícolas.

Não se diga que tais terras são impróprias: as projetadas fazendas-modelo, logo transformadas em sítios para residência de autoridades governamentais, e as chamadas mansões, são prova do contrário. Ao passo que as atividades industriais, compatíveis com a vizinha da capital, deverão instalar-se além das áreas urbanas satélites, conquanto próximas, a fim de aproveitar-lhes a mão-de-obra ociosa a assim liberá-las da exclusiva dependência metropolitana. Considero da maior importância para o futuro de Brasília esse princípio das duas envoltórias.

Quanto à futura expansão das áreas residenciais da cidade propriamente dita, parece fato conveniente, tal como já o declarei, o aproveitamento das terras que

ficarão contidas entre o grande lago resultante da projetada barragem de São Bartolomeu e o lago atual. Mas a ponte que fará a ligação desses bairros novos com a matriz — ou seja, o chamado Plano-Piloto, não poderá estar no prolongamento do Eixo Monumental. Assim, a eventual instalação de transporte coletivo rápido — possívelmente o monotrilho — deverá passar na largura sul da esplanada, acima das passarelas de ligação com as extensões dos Ministérios já programados, prolongando-se até Sobradinho e Taguatinga. Isso a médio ou a longo prazo.

A curto prazo, ou seja, na atual administração, cabe acabar a cidade tal como foi planejada, atendidas as correções e conveniências que a experiência impõe, a começar pela efetiva implantação do centro urbano — o seu "core" — que apesar de mal iniciado, ainda é perfeitamente realizável.

Além da grande concentração de escritórios para toda sorte de atividades, em parte já construídos, é indispensável dar outro tratamento e atribuir destinação diferente ao pavimento térreo dos edifícios com frente para a plataforma, onde se deverão instalar livrarias, casas de moda, agências de viagem, restaurantes e cafés com mesas ao ar livre, já que estarão protegidas do sol da tarde, de preferência acavando a calçada ao nível das sobrelojas, de onde poderão desfrutar a bela vista da esplanada.

As vielas e "piazetas", em escala veneziana, com butiques entremeadas de cinemas e teatros, atualmente bloqueadas e incabadas, são também perfeitamente recuperáveis, tal como as lojas dos prédios em construção no conjunto norte, devendo-se alternar áreas populares e descontraídas com áreas sofisticadas para atender a uma gama maior da população.

A intensificação de anúncios luminosos, a construção de duas praças, uma em frente ao Touring e, outra em frente ao teatro, com bancos, espelhos d'água e repuxos; a melhor arborização dos quatro estacionamentos laterais sobre terra firme; a construção de passarelas de ligação da plataforma com os setores comerciais contíguos — tudo isso contribuirá para que essa área passe a ser efetivamente ponto de encontro e convergência, ou seja, o coração da cidade,

tanto mais vivo porquanto vizinho da movimentada Estação Rodoviária, constituindo-se assim o traço urbano da união da população do chamado Plano-Piloto com as populações que residem nas áreas periféricas.

Nem mesmo nesse sentido de dar satisfação aos moradores das redondezas de Brasília, chocou-me o fato deles não terem acesso à orla do lago. Propondo pois a criação de uma espécie de clube campestre popular, com ancoradouro, grandes alpendrados e espaços de recreio devidamente arborizados, na área da lagoinha, onde se pretendeu construir a residência oficial do vice-presidente, projeto felizmente abandonado.

Pelo que me foi possível perceber, os anseios da reformulação antecipada da proposição urbanística de Brasília partem principalmente de dois setores que visando embora a objetivos opostos, paradoxalmente se encontram.

Refiro-me aos empreendedores imobiliários interessados em adensar a cidade com o recurso habitual do aumento de gabaritos; e aos arquitetos e urbanistas que, refutando "ultrapassados" os princípios que informaram a concepção da nova capital e sua intrínseca concepção arquitetônica, gostariam também de romper o princípio dos gabaritos pre-estabelecidos, gostariam de jogar com alturas diferentes nas superquadras, aspirando fazer de Brasília uma cidade de feição mais caprichosa, concentrada e dinâmica, ao gosto das experiências ora em voga pelo mundo, — gostariam em suma, que a cidade não fosse o que é, e sim, outra coisa. Daí a falsa opção desse dilema: "Brasília, cidade velha ou Brasília, cidade viva".

Falsa porque, mantidos determinados parâmetros urbanísticos, as restrições impostas não são de molde a impedir as novas formulações arquitetônicas, tal como vem ocorrendo em toda parte na cidade. Nas próprias quadras, respeitada a ATE (área total edificada), respeitando o gabarito (6 pavimentos) e o princípio de deixar o térreo vazio (pilotos), a disposição e conformação dos conjuntos de apartamentos e respectivas áreas de comércio pode ser a mais variada. Se repetem a mesma implantação é talvez

por comodismo dos responsáveis e pela falta de incentivo, embora essa uniformidade sombria e impessoal me agrade, mormente quando os blocos são maiores e com apoios mais afastados.

Quanto à preservação do partido horizontal no eixo simbólico da cidade, inclusive nas edificações que confrontam a plataforma rodoviária, em deliberado contraste com as massas altas de um lado e de outro que as flanqueiam, partido adotado precisamente para valorizar a beleza indelével da arquitetura ali presente, — isso é de fato intocável.

Permite-me transcrever este trecho da memória descritiva que todos conhecem, mas que alguns tendem a esquecer.

"Brasília deve ser concebida não como simples organismo capaz de preencher satisfatoriamente e sem esforço as funções vitais próprias de uma cidade moderna qualquer, não apenas como "urbs", mas como civitas, possuidora de atributos inerentes a uma capital. E, para tanto, a condição primeira é achar-se o urbanista imbuído de uma certa dignidade e nobreza de intenção, porquanto dessa atitude fundamental decorre a ordenação e o senso de conveniência e medida capazes de conferir ao conjunto projetado e desejável caráter monumental. Monumental não no sentido de ostentação, mas no sentido de expressão palpável, por assim dizer, consciente daquilo que vale e significa. Cidade planejada para o trabalho ordenado e eficiente. Mas, ao mesmo tempo cidade viva e aprazível, própria ao devaneio e à especulação intelectual, capaz de tornar-se, com o tempo, além de centro de Governo e Administração, num foco de cultura dos mais lúcidos e sensíveis do país".

Tudo isto ainda é possível.

Brasília nunca será uma cidade "velha", e sim, depois de completada e com o correr dos anos, uma cidade antiga, o que é diferente, antiga, mas perenamente viva.

O Brasil é grande, não faltarão aos novos arquitetos e urbanistas oportunidades de criar novas cidades. Deixem Brasília crescer tal como foi concebida, como deve ser — derramada, serena, bela e única. Respeitosamente, Lúcio Costa".

O político:

Soluções levarão a um bom porto

Ao encerrar, ontem, o I Seminário de estudos sobre Problemas de Brasília, o Senador Cattete Pinheiro frizou que é de se esperar que as soluções apresentadas por Lúcio Costa, o idealizador da cidade, conduzam a bom porto, e as correções e erros venham a ser assumidas corajosamente. Salientou ainda a participação de especialistas em planejamento, urbanismo e problemas sócio-econômicos no encontro que visou aclarar as controvérsias que vêm se criando em torno de Brasília.

Cattete Pinheiro salientou que no Seminário — organizado pela Comissão do DF do Senado — tratou-se de planejamento urbano e do que o brasileiro está fazendo ao seu ambiente. Ocupou-se da concentração humana, que se densifica de forma que pode sobrecarregar os recursos ecológicos, pois o mundo atual vive em crise ambiental que se aprofunda com a degeneração e a extinção de espécies animais e vegetais.

DISCURSO

"Tudo é viver, prevendo, é existir, preexistindo, é ver, prevendo" — na expressão feliz com que Rui Barbosa falou aos moços. O Seminário de que todos participamos causou, na sua antemã, dúvidas quanto ao interesse que pudesse despertar na administração e nas diferentes camadas do povo. Era, efetivamente, difícil avaliar, sem consulta prévia, o grau de, digamos, lealdade a Brasília, por parte de uma população constituída, na maioria, de adventícios que lhe habitam as áreas urbana e rural e lhe orientam o destino. Mas, previmos, e acabamos vendo o êxito que a todos nós hoje empolga.

Inteligente é que este Seminário resulte em continuada pesquisa e em permanente estudo, de coordenação de programas biológicos, tanto quanto de urbanismo. A Comissão do Distrito Federal do Senado está pronta a servir de órgão coordenador e de

análise, onde parlamentares, administradores e representantes da comunidade se reúnem para debater e sugerir.

Estou convicto de ter sido útil e vantajosa a experiência. Do Seminário resulta respeitável soma de conhecimentos e subsídios que a Comissão do Distrito Federal enfiou num volume, que será entregue ao Senhor Governador do Distrito Federal como testemunho do desejo de colaborar ativamente com o Executivo.

É oportuno lembrar que, na Capital da República, desenvolveu-se ação legislante que merece ampla análise do Senado Federal, ainda mais quando se trata de ajustá-la ao texto constitucional e definí-la como parte do processo de entendimento entre os dois Poderes.

O I Seminário de Estudos dos Problemas Urbanos de Brasília representa uma declaração de fé no futuro da Cidade-Monumento e do Brasil. É de esperar-se que as correções de erros venham a ser assumidas corajosamente. A cidade está aí, explodindo em vitalidade, confiante no acerto administrativo que possa levar à plena realização do Plano-Piloto que deu origem à Nova Capital.

Os moços, para satisfação geral, estiveram aqui, indagando e comentando, arguindo e sugerindo medidas e diretrizes que julgam capazes de tornar mais bela a imagem dominante da Brasília do futuro. A presença deles nos alegrou muito.

... O entusiasmo de professores e alunos dos Departamentos de Arquitetura, Economia e Geociências da Universidade de Brasília, em participação efetiva desde a fase preparatória do Seminário, possibilitou os momentos que aqui vivemos de tamanha importância para Brasília e para a vida parlamentar brasileira. Dos conferencistas, expositores e debatedores dos Painéis, apenas o Arquiteto Jaime Lerner, Prefeito de Curitiba, não está diretamente ligado à problemática brasileira. Os demais vivem

na cidade ou a ela estão vinculados, como o Doutor Lúcio Costa e o Ex-Prefeito Plínio Cantanhede. A esses técnicos, a Comissão do Distrito Federal devota o mais profundo respeito e agradece a contribuição valiosa e a colaboração encorajadora.

Os diversos setores do Governo prestaram inestimável ajuda e enriqueceram, com a experiência adquirida na ação diuturna, este encontro dos amigos de Brasília.

A imprensa, que acompanhou, da primeira hora, a jornada empreendida, tornando possíveis os dias que nos trouxeram tantas emoções na abertura de tão grandes perspectivas, o nosso muito obrigado. Reconhecemos que a permanente divulgação da idéia, do planejamento e do trabalho realizado trouxe a propiciação dos variados fatores necessários ao alcance da meta programada.

As organizações comunitárias que se fizeram representar, trazendo-nos inestimável contribuição; a tantos quantos, direta ou indiretamente, prestaram o seu concurso, para nós da maior importância a manifestação de nosso agradecimento.

Ao Presidente Paulo Torres; aos funcionários do Senado, que muito nos deram em trabalho constante e dedicação exemplar, permitindo mostrar, aos que conosco conviveram nestes dias, a imagem do verdadeiro Senado, vivo e atuante, voltado para o bem comum, a nossa gratidão.

Governador Elmo Serejo Farias queira receber esta coletânea das conferências, exposições e debates nos Painéis do Primeiro Seminário de Estudos dos Problemas Urbanos de Brasília. Ela poderá ser útil, como ser útil foi o desejo da Comissão do Distrito Federal. É um documento que pretendemos se incorpore à História de Brasília, marcando estes dias de tão grandes esperanças e nos quais, como afirmou magnificamente o Professor Miguel Alves Pereira, a cidade se reencontrou."



Plínio Cantanhede: o prefeito jardineiro

O administrador:

Ela não é intangível

Na palestra de encerramento do I Seminário de Estudos dos Problemas de Brasília hoje proferida, o ex-prefeito Plínio Cantanhede sustentou que Brasília não deve encerrar-se em um sacrário de intangibilidade, pois o dinamismo da "urbs" moderna, a expansão constante de suas atividades reclamam progresso e novos meios de ação.

Considera fundamental, entretanto, que as bases fundamentais de sua concepção, consubstanciadas nas linhas do Plano-Piloto de Lúcio Costa, devam ser respeitadas a todo custo, "porque elas incorporam todos os princípios de uma cidade do futuro, de um continente do amanhã".

Plínio Cantanhede, que governou a cidade no período 1964/1967, advertiu, ainda, que se algum dia a cidade ganhar um governo com o desejo explícito de reformar ou reestruturar em novos moldes a fisionomia urbanística de Brasília, fatalmente sobrevirá na ganância de especulação imobiliária ou na ignorância da insensibilidade governamental, as fundações de edifícios de 50 ou 80 andares para ocuparem o vazio da Esplanada dos Ministérios e os espaços verdes das superquadras.

Isso, entende, seria o começo do fim da cidade e da própria experiência urbanística, que ela encerra, com resultados funestos para os habitantes e para o próprio sentido de Brasília como fator de integração nacional.

Nesse particular, Plínio Cantanhede participa da opinião de Lúcio Costa, de que antes de se pensar em reformular é preciso atualizar a cidade, criar condições para que o Plano Piloto, alcançado sua plenitude, possa expandir-se, crescer, desenvolver-se.

Por isso, entende fundamental que se preencham os vazios ainda existentes na cidade, sobretudo na Asa Norte, que devem ser ocupados de conformidade com as destinações e os gabaritos fixados no Plano.

Plínio Cantanhede, que confessa sua frustração por não ter visto executado o aeroporto que Niemeyer projetou para

Brasília — que seria uma das expressões máximas do talento do arquiteto e, sem dúvida, o magnífico cartão de visitas da cidade — também manifestou-se favorável ao envolvimento do Plano Piloto, tal como planejado por Lúcio Costa, por um grande anel periférico, destinado à agricultura, com o mérito de evitar uma possível interligação física com as áreas das cidades-satélites, as quais, por seu turno, seriam cercadas por um anel que abrigaria o parque industrial local, capaz de absorver grandes contingentes de mão-de-obra.

Por outro lado, entende como necessárias outras providências de ordem administrativa, como um plano de transportes de massa ligando o Plano-Piloto às cidades-satélites; acelerar a edificação das áreas comerciais nas cabeças das Asas Sul e Norte; desenvolvimento das atividades agrárias e industriais em nível compatível com as necessidades da cidade; e, como complemento do Plano Urbanístico de Brasília, ativação do Plano Integrado de Desenvolvimento do Distrito Federal.

Plínio Cantanhede — que rendeu suas homenagens ao pensamento político de Juscelino Kubitschek, à sabedoria e ao humanismo de Lúcio Costa; ao senso e à audácia estética de Oscar Niemeyer e às características marcantes de realizador e de pioneiro de Israel Pinheiro — afirmou, ao final, que, passados 14 anos da sua inauguração, Brasília não pode mais ser vista apenas como uma manifestação do engenho e da arte da nossa arquitetura e engenharia, nem mais ser considerada como uma nova capital interiorizada, em nome da defesa contra agressões externas.

— Não fosse o mérito de ser o modelo das futuras capitais e cidades do amanhã do urbanismo, o símbolo da liberdade e do viver a vida num mundo encoberto pelo clarão da morte atômica, Brasília é um misto dos ideais e dos sonhos de um povo já consociado na cobertura do seu percurso histórico.